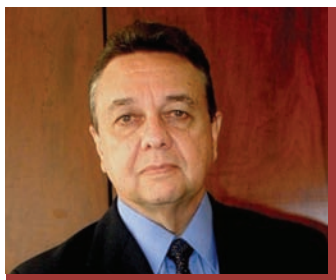


Diário de bordo

Sanduíche amargo



Roberto Rodrigues*

AS PERSPECTIVAS agrícolas para 2010 são pouco animadoras. A valorização do real ante o dólar acaba encarecendo nossos produtos de exportação, tirando competitividade dos agropecuaristas brasileiros e favorecendo as importações. Além disso, a safra de verão de 2009/2010 foi plantada com insumos comprados a R\$ 1,90 por dólar e será colhida a um dólar de R\$ 1,70 ou menos. Vale lembrar, de outro lado, que os custos dos insumos caíram bastante este ano em relação aos do ano passado, mas isso não importa: o que faz a diferença é o custo deste ano em relação à colheita do próximo.

Safras recordes de soja nos principais países produtores (Estados Unidos, Brasil e Argentina) aumentarão a oferta e os estoques, sinalizando queda nos preços em dólar. O milho terá preços estáveis e o algodão, com aumento da demanda após a crise, será mal remunerado internamente pela questão cambial, embora os preços devam subir em dólar.

A laranja continuará a ser um grande problema, porque vem mal há 3 anos, mas piorou devido à queda do consumo de suco por causa da crise, o que achatou os preços.

O café terá em 2010 uma safra cheia dentro da bianualidade típica. A especulação sobre o produto inibe a melhora de preços, embora haja demanda aquecida e

oferta ajustada: o setor será um dos mais afetados financeiramente, como ocorre há quatro safras.

As carnes igualmente perdem competitividade pela questão cambial, sem falar na perda de mercados em função da crise e das restrições da União Europeia. Mesmo com a queda dos preços das rações por causa do milho e soja baratos, o cenário para frangos e suínos é pouco animador, e depende bastante de alguns países compradores, como a Rússia e a China.

E este setor ainda teve uma forte concentração industrial, o que não é um mal em si, mas assusta os produtores rurais.

De bom sobra a cana, por causa dos preços recordes de açúcar em função da seca na Índia. Mas este produto vem de três anos de custos superiores aos preços de venda, de modo que apenas recupera parte das perdas anteriores.

Neste cenário sombrio, a agropecuária é ainda ensanduichada por outras duas questões, não bastasse o “molho amargo” do câmbio: a ambiental e a fundiária.

A questão ambiental está presa ao célebre Código Florestal, cuja solução é essencial para trazer paz ao campo. A discussão sobre a Reserva Legal, principalmente, precisa sair do emocional para o científico-racional e, com inteligência, tem que ser encontrado um caminho saudável para a real sustentabilidade.

E o tema do Índice de Produtividade segue assombrando o setor rural. Também isto deve ser resolvido, de preferência com a evidência de que, na economia globalizada, o mercado desapropria a ineficiência. Não precisa nenhum burocrata dizer quanto cada um deve produzir em sua fazenda, especialmente porque este número não vai considerar custos de produção, oferta, demanda, preços, câmbio e outros detalhes da vida real. ■

* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal

Produzir

Rural 90 anos



Cesário Ramalho da Silva*

NESTA EDIÇÃO, compartilho com o prezado leitor, o discurso da soleinidade em comemoração aos 90 anos da Sociedade Rural Brasileira, realizada no início de novembro, em São Paulo.

“Os problemas estruturais do agronegócio aumentaram em razão do avanço do setor. Reformas necessárias para a modernização do Brasil foram esquecidas. O Estado, aliado às corporações estatais, seus fundos de pensão e sindicatos são “todo-poderosos”. Impõem à sociedade custos e carga tributária sufocante.

O Estado investe e não deixa o setor privado investir.

Câmbio desfavorável, infraestrutura logística precária, deficiências na defesa sanitária, legislação trabalhista detalhista e conflitante com as particularidades do trabalho rural são vilões para o desempenho do agro e dos demais segmentos da economia.

Apesar de ser a personagem mais importante da cadeia produtiva, o produtor é o elo mais fraco. Mesmo assim, avançamos graças ao trabalho do produtor e ao domínio da tecnologia da agricultura tropical.”

Política Agrícola

“O Brasil precisa diversificar as fontes de crédito, intensificar o seguro rural, aprimorar o programa de preços mínimos, a fim de obter maior estabilidade da renda da agricultura. Nas negociações internacionais, temos que ser mais atuantes e es-